


Semiótica e linguagem: Uma visão filosófico-linguística

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.002-034>

Dárcilia Simões

Doutor em Letras Vernáculas (UFRJ, 1994); Pós-doutorado em Comunicação e Semiótica (PUCSP, 2007); Pós-doutorado em Linguística (UFC, 2009). Professor Titular da UERJ (aposentado) e Professor (Colaborador) do curso de pós-graduação stricto sensu em Linguagem, Literatura e Interculturalidade (UEG). É líder do Grupo de Pesquisa em Semiótica, Leitura e Produção de Textos - SELEPROT (CNPq).

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2799-6584>

E-mail: darciliasimoes@gmail.com

Elizabeth Aparecida Hautz

Licenciada em Letras Português/Inglês; Pós-graduada em Tradução Português/Espanhol; Mestrado em Letras/Língua Portuguesa; Doutoranda em Letras/UERJ. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-0072-4713>
E-mail: elizabeth.hautz@gmail.com

RESUMO

Este texto fala sobre a descrição e a interpretação do mundo e da realidade, convidando os leitores a pensar sobre os processos simbólicos por meio dos quais os cenários e as práticas sociais são construídos. Semiótica, Filosofia e Linguagem são o tripé indispensável para a evolução dos modelos sociais. A Semiose seria o processo fundamental de construção de um espírito universal - do qual a Filosofia é a expressão - que permitiria a comunicação entre os seres, a compreensão. Procura-se identificar os vínculos entre a Semiótica e a Filosofia da Linguagem, para que se possa buscar compreender como utilizar os elementos dessas ciências para produzir um paradigma social mais justo e confortável para os sujeitos contemporâneos. A linguística é tratada como um tipo especial de semiótica, cujo objeto exclusivo é a linguagem humana. A semiótica, portanto, é entendida não apenas como uma ciência que investiga a produção de significado, mas também, ou principalmente, como um paradigma inteligente de leitura do mundo. A filosofia da linguagem é responsável por compreender e interpretar os processos comunicativos e suas estratégias utilizadas para negociar significados entre os participantes da comunidade em questão, buscando expandir seus significados para o âmbito do pensar-dizer humano. Assim, a semiótica, a linguística e a filosofia se articulam como observadores da linguagem e de seus eventos.

Palavras-chave: Linguagem, Semiótica, Filosofia, Linguística, Processos de significado.



1 INTRODUÇÃO

1.1 UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE LINGUAGEM E FILOSOFIA

Qual é a relação histórica entre linguagem e filosofia, da qual tem surgido muita angústia na mente social diante das mudanças sócio-históricas, especialmente dos problemas de comunicação que se refletem na reorganização dos modelos sociais, ideológicos, políticos e econômicos?

Os tempos que vivemos agora indicam uma necessidade premente de novas leituras e compreensões da ação humana. Há movimentos em direção à interação global entre as nações devido a mudanças no modelo econômico e, como resultado, os indivíduos estão desorientados diante de novas práticas e novas demandas por habilidades cada vez mais sofisticadas, especialmente no que diz respeito à comunicação e às línguas.

O antigo problema da comunicação tem sido perseguido e observado de muitos ângulos diferentes. Registaram-se progressos substanciais. No entanto, o cenário de guerras sem fim e comportamentos intolerantes e fundamentalistas é um sinal de que algo está muito errado com a interação humana. Isso porque a interação depende, primordialmente, de uma comunicação ampla e, no mínimo, satisfatória. Mas a divergência que grassa entre as nações e que não atinge qualquer nível de ajuste, apesar das variadas intervenções de elementos externos, demonstra que o homem ainda está muito longe da interação esperada: aquela em que a solidariedade seria o grande emblema.

Os profissionais de linguagem e comunicação estão cada vez mais preocupados em encontrar maneiras de melhorar os processos de interação. Inúmeros projetos de pesquisa têm sido realizados não apenas para aprimorar modelos teóricos já construídos, mas também para produzir novos paradigmas que possibilitem que as pessoas se entendam melhor. Desde a antiguidade clássica, os pensadores discutem o grande dilema humano: quem somos, de onde viemos e para onde vamos. No entanto, apesar das grandes e significativas conquistas no espaço, dos avanços da cibernética e das descobertas na medicina genética, a aflição humana permanece em níveis um tanto fora de controle, e as nações-paradigma do desenvolvimento acabam mostrando um comportamento cada vez mais egoísta, intolerante e extremista.

Essa situação indica que precisamos avançar no estudo das linguagens e da comunicação, mas refinando o foco para o espaço do raciocínio filosófico, para que possamos combinar os avanços no conhecimento de signos, códigos, linguagens e processos de comunicação com o estágio atual do pensamento filosófico, no qual a linguagem ganha cada vez mais destaque.

2 TRAÇANDO AS CONTRIBUIÇÕES DE ALGUNS FILÓSOFOS

Segundo Wittgenstein (1999, p. 29), desde a infância, os indivíduos aprendem uma infinidade de jogos de linguagem por meio dos quais atuam nos contextos dos quais participam. Quando usamos a linguagem, estamos agindo em um contexto social, e nossas ações só são significativas e efetivas na

medida em que correspondem às determinações de "formas de vida" inscritas nas práticas sociais e instituições das quais participamos. Assim, o conhecimento de uma língua, a *competência linguística* e a capacidade de participar de jogos de linguagem formam o horizonte de nossa visão da realidade, o pano de fundo de nosso comportamento, tanto do ponto de vista de nossas ações quanto do ponto de vista de nossa capacidade de interpretar o significado das ações de outros membros da comunidade e a maneira como eles se relacionam conosco. A linguagem ordinária é, portanto, vista como a fonte original de nossa *experiência*, uma vez que constitui seu horizonte e é um pressuposto para nosso comportamento.

De Aristóteles a Heidegger, a linguagem é vista como a origem e o meio de pensar. Segundo Marcondes (1992, p. 103), Habermas faz contribuições relevantes à Teoria da Ação Comunicativa e à pragmática universal e demonstra que as noções básicas da Filosofia da Linguagem Ordinária e da Teoria dos Atos de Fala podem contribuir para a construção de um método de análise crítica da realidade social como tarefa fundamental da filosofia (Marcondes (1992, pág. 106). Isso porque é necessário compreender o homem e o mundo para encontrar novas formas de gerir as relações humanas e resolver ou minimizar conflitos de interesse.

De acordo com a Filosofia da Linguagem Ordinária, a linguagem deve ser entendida primeiramente como uma prática social concreta, como um sistema de atos simbólicos realizados em um determinado contexto social com um objetivo preciso e produzindo certos efeitos e consequências convencionais. Nessa linha de raciocínio, a linguagem se afasta do conceito clássico de meio de descrever o mundo e interpretar a realidade. A linguagem passou a ser vista como um modo de ação e interação social. Torna-se constitutiva tanto da realidade quanto da compreensão dos contextos dos quais participamos.

Ainda em consonância com esse raciocínio, o processo semiótico assume o centro das atenções. A semiotização dos objetos culturais é um pré-requisito para compreender as interações sociais e melhorar as relações humanas. Quando falamos em descrever e interpretar o mundo e a realidade, precisamos pensar nos processos semióticos por meio dos quais os cenários e as práticas sociais são construídos. Semiótica, Filosofia e Linguagem são o tripé indispensável para a evolução dos modelos sociais. Através dessas ciências, o homem pode aprofundar seu autoconhecimento e conhecimento do mundo ao seu redor e das consequências das relações humanas em todos os níveis.

Voltando a Aristóteles, podemos ver que o processo semiótico é o grande nó nos estudos da Filosofia da Linguagem. Os indivíduos são inúmeros, há uma infinidade de coisas, e as palavras de uma língua são (a princípio) finitas. Portanto, compreender a dupla articulação dos signos (no nível da referência externa - o contexto - e das relações internas - o cotexto) é um exercício semiótico indispensável e interminável, uma vez que os mesmos signos são combinados e recombinaados para representar tudo o que é pensável. Apesar de uma iconicidade original (através da qual a referência



ocorreria de forma quase biunívoca) que não está presente nas coisas abstratas, segundo Aristóteles, categórica¹ — "termos que têm função semântica e referencial" — e sincategorial² — "termos que não se referem a nada — são funções internas à sintaxe da linguagem e só podem ser definidas contextualmente" (Guerreiro, 1985, p. 60), permitiria que todo e qualquer conteúdo do pensamento fosse representado pela linguagem. No entanto, considerando as associações arbitrárias de signos disponíveis, pode-se deduzir a complexidade do processo semiótico tanto na produção quanto na interpretação dos sentidos. É aí que entra a necessária relação entre semiótica e filosofia, no que diz respeito à comunicação. Segundo Proust, "a filosofia é como a expressão de um espírito universal que concorda consigo mesmo para determinar significados explícitos e comunicáveis" (Deleuze, 2003, p. 89). Como tal, a semiótica seria o processo fundamental de construção desse espírito universal que permitiria a comunicação entre os seres e o entendimento. É preciso, portanto, valorizar os vínculos entre Semiótica e Filosofia da Linguagem para que possamos buscar compreender como utilizar os elementos dessas ciências para produzir um paradigma social mais justo e confortável para os sujeitos contemporâneos.

3 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE FILOSOFIA

Antes de embarcar na Filosofia da Linguagem, uma simples revisão do que o termo *filosofia* engloba está em ordem. Primeiro olhar no dicionário:

substantivo feminino - 1 - Rubrica: filosofia. amor à sabedoria, experimentado apenas por seres humanos conscientes de sua própria ignorância [Segundo autores clássicos, o significado original do termo, atribuído ao filósofo grego Pitágoras (século 6 a.C.)]. - 2 - Título: filosofia. no platonismo, investigação da dimensão essencial e ontológica do mundo real, indo além da mera opinião irrefletida do senso comum que permanece cativa da realidade empírica e das aparências sensíveis. - 3 - Título: filosofia. no contexto das relações com o conhecimento científico, um conjunto de princípios teóricos que fundamentam, avaliam e sintetizam a miríade de ciências particulares, tendo contribuído direta e indispensavelmente para o surgimento e/ou desenvolvimento de muitos desses ramos do conhecimento - 4 - Título: filosofia. na dimensão metafísica, um conjunto de especulações teóricas que compartilham com a religião a busca das verdades primeiras e incondicionadas, como as relativas à natureza de Deus, da alma e do universo, diferenciando-se da fé por meio de procedimentos argumentativos, lógicos e dedutivos - 5 - Título: filosofia. No contexto da relação entre teoria e prática, o pensamento é inicialmente contemplativo, no qual o ser humano busca compreender a si mesmo e à realidade circundante, determinando seu caráter prescritivo ou prático, centrado na ação concreta e em suas consequências éticas, políticas ou psicológicas. [Houaiss, s.u.]

A Filosofia, que remonta a Pitágoras (século 6 a.C.) como um "amor à sabedoria, experimentado apenas por seres humanos conscientes de sua própria ignorância", ao pensamento

¹ Na gramática e na lógica medievais, essas são as partes da fala que não têm significado em si mesmas, mas apenas o adquirem em contato com as outras partes da fala: exemplos são conjunções, preposições, advérbios, etc. Prisciano (II, 15) diz: "Segundo os dialéticos, há duas partes do discurso: o nome e o verbo, porque juntos, e somente eles, constituem um discurso completo; chamam os outros de sincategoremata, isto é, co-significantes". (Abbagnano, 2007, p. 902)

² Uma palavra que, por si só, não pode ser usada como um termo, mas apenas em conjunção (explícita ou não) com outra(s) palavra(s) [por exemplo, quantificadores (todos, alguns, nenhum) ou advérbios, preposições ou conjunções] (Houaiss, s.u.).

inicialmente contemplativo, no qual os seres humanos buscam compreender a si mesmos e à realidade circundante, e que então determinará seu caráter prescritivo ou prático, centrado na ação concreta e em sua ética, consequências políticas ou psicológicas. A filosofia é o conjunto de perplexidades humanas diante da existência. O desejo de conhecer o mundo e de se conhecer ocupa a mente humana desde os primórdios da humanidade numa busca incessante por respostas sobre sua origem, seu destino e seu ser-aqui.

Considerada um exercício de inteligência, a atitude filosófica faz do homem um observador de si mesmo e de seu entorno. E graças à atitude filosófica, desenvolveu-se o método científico, através do qual foram feitas grandes descobertas no plano físico e metafísico, a partir do qual já podemos vislumbrar caminhos e meios de prolongar a vida na Terra e talvez além.

Se o pensamento é um indicador da existência inteligente, é possível inferir que a Filosofia é uma Semiótica Especial através da qual os signos são construídos para explicar a existência humana e suas consequências. Dessa forma, a semiótica passa a ser entendida não apenas como uma ciência que investiga a produção de sentidos, mas também, ou principalmente, como um paradigma inteligente para a leitura do mundo.

Abbagnano apresenta muitas definições de filosofia. No entanto, Platão já havia feito uma excelente contribuição, definindo-a da seguinte forma:

A filosofia é o uso do conhecimento em benefício do homem. Platão observa que de nada adiantaria ter a capacidade de transformar pedras em ouro se você não soubesse usar ouro; Seria inútil ter uma ciência que o torna imortal se você não soubesse usar a imortalidade, e assim por diante. O que é preciso, portanto, é uma ciência em que o fazer e o saber usar o que se faz coincidam, e essa ciência é a Filosofia (Abbagnano, 2007, p. 442).

Assim, é possível entender a filosofia "como um conjunto de princípios teóricos que fundamentam, avaliam e sintetizam a miríade de ciências particulares, tendo contribuído direta e indispensavelmente para o surgimento e/ou desenvolvimento de muitos desses ramos do conhecimento" (Houaiss, s.u.), o que corrobora a classificação da Filosofia como Semiótica Especial, uma vez que, em última instância, a Semiótica pode ser traduzida como um modelo teórico de análise de signos; enquanto as demais ciências (incluindo a Filosofia) seriam geradoras de signos a serem discutidos e interpretados semioticamente, segundo um quadro de valores emergentes do contexto em que os signos gerados são enquadrados. Mas essa visão não está resolvida. Houser, em seu artigo *Semiótica e Filosofia*, faz o seguinte comentário:

Os filósofos contemporâneos, especialmente aqueles formados na tradição empírica inglesa, frequentemente consideram a semiótica como um campo de pesquisa relativamente novo e nem sempre bem-vindo. No entanto, se admitirmos que o principal objeto de estudo da semiótica é a significação e a representação, deve ficar claro que, assim caracterizada, a

semiótica sempre foi uma importante área de preocupação para a filosofia. (Houser, 2016, p. 314)³.

Passando a resumir o que foi apresentado até agora.

4 DE ONDE CHEGAMOS DAS CONTRIBUIÇÕES LISTADAS?

Uma vez vistas as questões levantadas pelos filósofos em questão, precisamos trazer uma filosofia especial e específica para a cena. Isso abre as portas para uma filosofia com um adjetivo, definido por um recorte do objeto, chamando a Filosofia da Linguagem de volta à cena. Atualmente, isso tem sido objeto de muitos estudos em diversas áreas, pois é claro que os estudiosos estão preocupados com a busca de explicações que apoiem a melhoria da qualidade de vida na Terra.

Assim, uma vez retomados a definição de uma filosofia voltada para a busca de uma compreensão do homem em si mesmo e da realidade circundante, percebe-se a importância de aprofundar sua relação com a linguagem.

Como resultado, as ansiedades e expectativas humanas não são satisfeitas com suas descobertas temporárias, e correm ansiosa e vorazmente em direção a respostas definitivas, mesmo quando preveem sua pré-impossibilidade.

Essa corrida insana por respostas definitivas levou o homem à intolerância máxima e, em vez de encontrar conforto e felicidade com o avanço das descobertas, o que vemos é a amplificação do desespero, da ganância, do egoísmo e do radicalismo irracional.

Seguimos em busca de um caminho a seguir.

5 A INTERAÇÃO HUMANA E A FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Os processos semióticos aplicados como recursos auxiliares aos estudos da Filosofia da Linguagem parecem ser capazes, pelo menos em um primeiro momento, de produzir explicações plausíveis e confiáveis para as relações e consequências da interação humana por meio das linguagens. Voltando a Heidegger e suas premissas do homem como ser de linguagem⁴ ou da linguagem como morada do ser, parece possível reiterar o caráter arbitrário e efêmero da linguagem.

É assim que Heidegger pensa a linguagem:

O homem fala. Falamos quando acordados e em sonhos. Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos nenhuma palavra soar. Falamos quando ouvimos e lemos. Também falamos quando não ouvimos ou lemos e, em vez disso, fazemos um trabalho ou ficamos de braços cruzados. Falamos sempre de uma forma ou de outra (HEIDEGGER, 2003, p.7)

³ Texto original: Os filósofos contemporâneos, especialmente aqueles formados na tradição empírica inglesa, muitas vezes consideram a semiótica como um campo de pesquisa bastante novo, e nem sempre bem-vindo. No entanto, se admitirmos que o principal objeto de estudo semiótico é a significação e a representação, deve ficar claro que, assim caracterizada, a semiótica sempre foi uma importante área de preocupação para a filosofia.

⁴ Continuidade e descontinuidade na filosofia de Wittgenstein - Revista Cult (uol.com.br) Accessed February 20th, 2024

Com essa afirmação, o autor de *O Caminho da Linguagem* indica claramente como entende a linguagem. Para ele, o homem é constituído pela linguagem, que, mesmo que não exteriorizada, existe e funda a organização mental a partir da qual o homem realmente vem a existir.

Heidegger considera a linguagem um elemento muito característico de nossa humanidade, a partir do qual se revela a verdade do ser. A linguagem é a base da nossa realidade porque esclarece os fenômenos e é o lugar privilegiado para respondermos como ser-ai (Dasein⁵), como seres no mundo. A linguagem é a morada do ser porque permite a desocultação dos seres por meio do discurso, discurso que resiste a ser enquadrado nos termos da teoria conceitual metafísica.

Segundo Heidegger, a questão do ser tem sido discutida ao longo da história da filosofia sob o preconceito da presença. Em outras palavras, de Parmênides aos filósofos do século 20, o ser foi entendido como algo que está presente em sua totalidade, como objetivo e completo. O paradigma desse modo de pensar encontra-se na ideia de Deus como onipresente. Com sua análise existencial do Dasein, Heidegger buscou inaugurar um novo modo de entender o ser e a metafísica.

O termo *Dasein*, cunhado por Heidegger, não é facilmente traduzível. Convida-nos a transcender a dimensão superficial da palavra e a mergulhar no coração do pensamento e da existência. O Dasein permite ao homem abrir-se, conhecer-se e compreender-se no mundo. A linguagem, nesse contexto, é a forma pela qual o *Dasein* se manifesta. É a ponte entre o ser interior e o mundo exterior.

Embora as comunicações linguísticas sejam construídas sobre códigos, estes ficam à mercê de seus usuários (portanto, recriadores), que, por sua vez, estão sujeitos a intervenções contextuais. Na perspectiva de Peirce, o interpretante coletivo (conjunto de funções-valor vigentes em uma comunidade discursiva) é o condutor dos arranjos representativos e interpretativos por meio dos quais a comunicação ocorre. Assim, vamos reler a linguagem-homem de Heidegger como referência à arbitrariedade, à efemeridade e, portanto, à infinita mutação disponível para os processos linguísticos. Assim, o papel da Filosofia da Linguagem seria o estudo aprofundado da cogitação humana sobre si mesma e suas relações traduzidas em signos que poderiam representar diferentes ideologias e epistemologias e, portanto, seriam suscetíveis a diferentes semioses.

Na busca da semiose, é necessário definir os espaços da Linguística e da Filosofia da Linguagem. Diferentes ciências operam com diferentes objetos. Deve-se lembrar, portanto, que o objeto da Linguística (uma variedade semiótica) é a linguagem verbal humana; o objeto da Filosofia é o pensamento. Há quem diga que a filosofia não é ciência nem técnica, mas um exercício perpétuo de pensamento, buscando o significado que as coisas podem ter para a experiência humana (Hryeniencz, 2002). É preciso, então, examinar o que é a Filosofia da Linguagem.

Veja o trecho:

5 SER-AI (em. *Haver ou Reingthereness*; Fr. *Realidade humana*, ai. *Dasein*; "Não sei *se estouEsserci*). (Abbagnano, 2007, p. 888.

A filosofia da linguagem é ainda menos bem definida e tem um princípio de unidade ainda menos claro do que a maioria dos outros ramos da filosofia. Os problemas da linguagem que são tipicamente tratados pelos filósofos constituem uma coleção vagamente conectada, para a qual é difícil encontrar critérios claros para distingui-la dos problemas de linguagem que são tratados por gramáticos, psicólogos e antropólogos. Podemos ter uma noção inicial da amplitude dessa coletânea ao pesquisar os vários pontos em que, dentro da filosofia, surge o interesse pelos problemas da linguagem (Alston, 1972, p. 13).

Há muita especulação em torno da linguagem, de pontos de vista muito diferentes e, neste caso, os problemas assumem configurações muito diferentes. Observando as considerações de Alston, é possível deduzir a complexidade do fenômeno da linguagem e de um recorte dele para caracterizar uma ciência. A Filosofia da Linguagem é um dos ramos da Filosofia que reflete sobre os problemas da linguagem, mas de forma diferente das questões que gramáticos, psicólogos e antropólogos tratam. Alston (op. cit.) apresenta um levantamento das várias questões envolvidas na sua definição, justificando o fato de que não há critérios claros para manter um princípio de unidade como na maioria dos outros ramos da filosofia.

Ramos da Filosofia como a Lógica, a Metafísica e a Epistemologia trabalham com a formulação de conceitos e, portanto, têm a linguagem como objeto referencial de tais formulações. Se a tarefa primária, senão integral, da filosofia consiste na análise conceitual, ela está sempre interessada na linguagem. E se uma grande parte da tarefa do filósofo é trazer à tona as características do uso ou significado de várias palavras ou formas de enunciação, então será essencial que ele proceda de acordo com alguma concepção geral da natureza do uso e do significado linguísticos.

Auroux também reflete sobre as diferentes abordagens que a literatura dedica à Filosofia da Linguagem e expõe algumas questões que remetem ao seu processo histórico e à atribuição de um lugar central às Ciências da Linguagem. Em linhas gerais, ele argumenta que, ao tentar compreender a Filosofia da Linguagem, estamos refletindo sobre a Filosofia e acrescenta que "a filosofia não é um pensamento pronto nem uma apresentação de doutrinas padronizadas; Consiste sobretudo em mexer com a cabeça das pessoas!" (Auroux, 1998, p. 24).

A linguagem é muitas vezes considerada imprecisa ou muito limitada para descrever ou representar a força da realidade. Essa consciência da limitação ocorre agudamente em autores místicos como Plotino ou Bergson. Diante dessa deficiência, a partir do final do século 19, veio à tona uma corrente de filósofos, os filósofos analíticos. Dizem que a Lógica (que etimologicamente significa a Ciência da Linguagem) e a Teoria do Significado são a parte mais importante da Filosofia, cuja tarefa básica é a análise lógica de sentenças e inferências, através das quais os problemas filosóficos são resolvidos. A partir da linguagem matemática, Frege desenvolveu reflexões sobre linguagem e significado, abrindo caminho para a filosofia da linguagem de Russell, Carnap e Wittgenstein.

Como se pode ver nesta breve incursão na filosofia, a filosofia da linguagem é uma imposição da natureza dos objetivos filosóficos com os quais as representações de diferentes visões de mundo

são interpretadas por meio de sistemas de signos. Portanto, as fronteiras entre Semiótica e Filosofia da Linguagem às vezes não passam de cortinas de fumaça, pois ambas buscam interpretar o processo de produção de signos que se prestam a descrever a origem, as condições e as funções da linguagem humana e sua relação com o pensamento.

6 A IMPRECISÃO DA LINGUAGEM E A CONTRIBUIÇÃO DA SEMIÓTICA

A linguagem contém uma indeterminação decorrente de uma característica fundamental do signo. É um signo, um traço que está no lugar de outra coisa, que pode ser um objeto concreto ou um conceito abstrato. Na linguagem filosófica de Derrida, poderíamos dizer que o signo não é uma presença, ou seja, a coisa ou o conceito não está presente no signo, é um traço. Mas a natureza da linguagem é tal que não podemos deixar de ter a ilusão de ver o signo como presença, isto é, de ver no signo a presença da "coisa" ou do "conceito".⁶ É o que Derrida (2000) chama de "metafísica da presença" (cf.⁷ "Husserl, de fato, tradicionalmente determinava a essência da linguagem com base na lógica e normalidade de seu telos. Que esse telos⁸ é o do ser como presença é o que quisemos sugerir aqui" (Derrida, 1994, p. 14). Essa ilusão é necessária para que o signo funcione como tal: afinal, o signo está no lugar de outra coisa e, embora na presença plena do signo, o conceito de algo é definitivamente adiado. Para ele, o signo carrega não apenas o traço do que o substitui, mas também o traço do que não é, ou seja, justamente da diferença. Em suma, o signo é caracterizado pelo adiamento (de presença) e diferença (de ausência, em relação a outros signos). Essas duas características são sintetizadas no conceito de *différance* - que ocorre em uma série de características heterogêneas que regem a produção de significados dos textos.

A diferença *de Derrida* sugere que, como o estado mental do observador está constantemente em um estado de fluxo e difere de uma leitura para outra, uma teoria geral descrevendo esse fenômeno é inatingível. Derrida desenvolveu a *teoria da desconstrução*⁹, que questiona a existência de uma estrutura de concreto e enfatiza que não existe um centro fixo. Segundo Cossette e Guillemette (2006),¹⁰ a desconstrução questiona a estabilidade e a certeza dos significados atribuídos às palavras, textos e conceitos. Em vez de considerar o significado como algo fixo e objetivo, a desconstrução sugere que

⁶ "Talvez devêssemos concluir que (...) O conceito de intencionalidade permanece atrelado à tradição de uma metafísica voluntarista, isto é, talvez simplesmente ligada à metafísica. A teleologia explícita que comanda toda fenomenologia transcendental seria, no fundo, apenas voluntarismo transcendental. O sentido quer significar a si mesmo, só se expressa numa vontade-de-dizer que nada mais é do que uma vontade-de-dizer da presença de sentido".

In https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11425/11425_3.PDF p. 50 Acesso em 26 de fevereiro de 2024

⁷ (...) A fenomenologia husserliana mantém e refina o domínio do agora que continua desde a metafísica grega da presença, passando pela metafísica "moderna" da presença como autoconsciência até a metafísica da ideia como representação (Vorstellung). https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/11425/11425_3.PDF p. 49 Acesso em 26 de fevereiro de 2024

⁸ Telos - ponto ou estado de caráter atrativo ou conclusivo para o qual uma realidade se move, propósito, objetivo, alvo, destino.

⁹ "A desconstrução visa, assim, dissolver a linguagem para que ela dê lugar ao que Derrida chama de escrita." (Japiassú e Marcondes, s.d. p. 167)

¹⁰ <http://www.signosemio.com/derrida/deconstruction-and-difference.asp> Acesso em 26 de fevereiro de 2024

ele é fluido, contextual e sujeito a múltiplas interpretações." Essa teoria permanece ativa na pesquisa literária contemporânea.

Alguns filósofos pós-modernos, pós-estruturalistas, como Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Lyotard e Jean Baudrillard, começaram a se preocupar com os fenômenos sociais e humanos e desconstruíram o discurso filosófico sobre os valores ocidentais dos princípios e concepções de Deus, Razão, Sujeito, Verdade, Ordem, Ciência e Ser. Para esses autores, desconstruir o discurso não significa destruí-lo, ou mostrar como ele foi construído, mas refletir sobre o não dito como subjacente ao que foi dito, buscando o silenciado por baixo do que foi dito. Disso se extrai que a imprecisão do que é dito (da linguagem) precisa ser compensada por estratégias técnico-teóricas capazes de penetrar no espaço da semiose e, sobretudo, por meio da abdução, formulando caminhos de interpretação que respondam à questão semiótica clássica: por que isso significa o que significa.

Nessa perspectiva, há um contato imediato entre a Filosofia da Linguagem e a Semiótica, uma vez que ambas operam com *conhecimento*¹¹ e *verdade*¹². Do ponto de vista semiótico, o conhecimento serve como base interpretativa para a produção de sentidos e sentidos. Na Filosofia, o conhecimento representa uma garantia de que o que está sendo identificado na razão pelo entendimento corresponde, de fato, a uma realidade. Na Filosofia da Linguagem, o conhecimento é representado por enunciados cujos componentes devem conter dados lógicos suficientes para que sejam validados em relação à verdade representada.

Hoje em dia, a questão da verdade não marca mais uma oposição filosófica e semiótica relevante, uma vez que a verdade hoje é, sem dúvida, relativa, parcial e temporária. No entanto, do ponto de vista da informação e da comunicação, a verdade ainda é uma condição de grande valor ou interesse, pois atua na formação da opinião, por exemplo. Faz-se necessário, portanto, trazer para o texto noções relativas ao campo da linguística, a fim de construir um elo indispensável entre os conteúdos temáticos deste artigo: semiótica, linguística e filosofia da linguagem.

7 LINGUÍSTICA COMO SEMIÓTICA

Segundo Petter (2002), a amplitude do termo linguagem (que engloba o verbal e o não verbal) significa que o objeto da linguística deve ser definido não como o estudo da linguagem, mas como a investigação científica da linguagem verbal humana. No entanto, o fato de todas as línguas serem sistemas de signos utilizados para a comunicação possibilitou conceber uma ciência mais geral que

¹¹ "CONHECIMENTO (gr. *γνῶσις*; Cognitio; em. Conhecimento, Pe. Erkenntnis; ela. Conoscenza). Em geral, uma técnica para verificar qualquer objeto, ou a disponibilidade ou posse de uma técnica semelhante. Por técnica de verificação entende-se qualquer procedimento que possibilite a descrição, cálculo ou previsão controlável de um objeto; e por objeto entende-se qualquer entidade, fato, coisa, realidade ou propriedade". (Abbagnano, 2007, p. 174)

¹² "VERDADE (gr. *ἀλήθεια*; Ventas; em. Verdade; P. Vérité, ai. Wahrheit; ela. Venta). Validade ou efetividade de procedimentos cognitivos. Em geral, V. é entendido como a qualidade em virtude da qual qualquer procedimento cognitivo se torna eficaz ou bem-sucedido". (Abbagnano, 2007, p. 994)

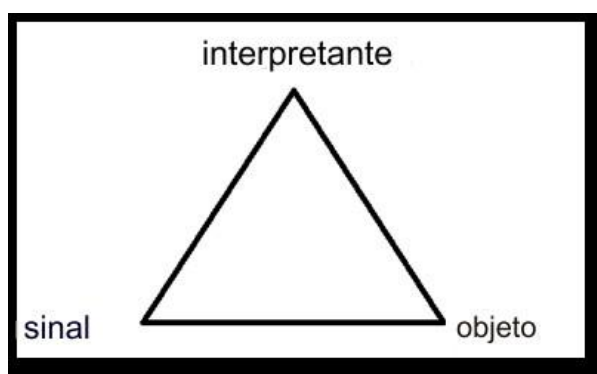
estudaria qualquer sistema de signos A linguística é uma ciência geral que orienta a descrição de sistemas linguísticos particulares e se especializa neles através das modalidades aplicadas dessa ciência.

A linguística não se confunde com o estudo de uma ou outra língua em particular; Pelo contrário, os linguistas devem ser capazes de descrever vários sistemas para compará-los e, assim, demonstrar suas semelhanças e diferenças. A linguística também não pode ser entendida como sinônimo de ensino de gramática, uma vez que sua função é descrever sistemas de linguagem natural e não ditar regras para sua implementação. A linguística também se preocupa com a variação da linguagem em função de seus condicionantes diacrônicos, diatópicos, diastráticos e diafásicos. A linguística é, portanto, uma ciência geral que orienta a descrição de sistemas linguísticos particulares e se especializa neles através das modalidades aplicadas dessa ciência.

O estudo dos signos linguísticos e seus condicionamentos permite aos linguistas analisar a semiose no nível verbal e, assim, projetar suas pesquisas em áreas mais amplas, como a Semiótica das Culturas. A expressão do pensamento na linguagem verbal fornece elementos para uma investigação produtiva das relações entre signos e usuários, bem como entre significantes e significados, marcadas por intérpretes dinâmicos (o que é imediato ao contexto) e intérpretes finais (o que resulta da relação entre o contexto e o cotexto).

Antes de mais nada, é importante lembrar o que é um signo para Peirce (1984): uma unidade triádica constituída, ou seja, que requer a cooperação de três instâncias: o signo S (representação), o objeto O (o que é representado) e o interpretante I, que produz a relação.

Veja o diagrama:



Note que o diagrama demonstra o poder do intérprete sobre os outros membros da tríade. É ele, o intérprete, que define o resultado simbólico, ou seja, o significado. Vale ressaltar que, no diagrama, signo corresponde à representação; objeto é o mesmo que referente. Explicação necessária para o confronto com outras apresentações do mesmo diagrama, na perspectiva peirceana.

Veja o que diz Peirce (1897):

2.228. Um sinal, ou representam, é algo que é por algo para alguém em algum aspecto ou capacidade. Dirige-se a alguém, ou seja, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou, talvez, um signo mais desenvolvido. Esse sinal que ele cria eu chamo de intérprete do primeiro signo. O signo é para alguma coisa: seu objeto. É para esse objeto não em todos os aspectos, mas em referência a um tipo de ideia, que às vezes chamei de fundamento do representamen. "Ideia" deve ser entendida aqui em uma espécie de sentido platônico muito familiar no discurso cotidiano, quero dizer, no sentido em que dizemos que um homem toma a ideia de outro, ou em que dizemos que, quando um homem se lembra do que estava pensando em um momento anterior, ele se lembra da mesma ideia, ou em que, Quando um homem continua a pensar qualquer coisa, diga por um décimo de segundo, desde que o pensamento continue a concordar consigo mesmo durante esse tempo, ou seja, ter um conteúdo semelhante, é a mesma ideia, e não é a cada instante do intervalo uma ideia nova.

Este fragmento parece esclarecer a noção de intérprete como base da semiose em um dado contexto. Por vezes tomado de forma simplista como sinônimo de senso comum, o interpretante é o conjunto de funções-valor que uma comunidade discursiva constrói a partir de seus usos e costumes, orientando assim a interpretação e a compreensão dos fatos e fenômenos que ocorrem em sua esfera. Portanto, tendo semiotizado os objetos em análise, a Linguística preocupa-se com a interpretação da linguagem, e a Filosofia com a organização dos mesmos signos nas bases lógicas do pensamento. Por fim, a filosofia da linguagem é responsável pela compreensão e interpretação dos processos comunicativos e suas estratégias utilizadas para negociar significados entre os participantes da comunidade em questão, buscando ampliar seus significados para o âmbito do pensar-dizer humano. É assim que semiótica, linguística e filosofia se unem como observadores da linguagem e de seus acontecimentos.

8 UMA IMPORTANTE REFLEXÃO A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Considerando que as descobertas científicas ou técnicas são traduzidas através das línguas, o estudo da semiótica é um imperativo do mundo contemporâneo. Como compreender com maior profundidade as histórias das novas criações humanas senão por meio da semiotização de seus objetos e da compreensão dos cenários em que ocorrem? Isso torna indispensável um repensar filosófico do conhecimento, uma vez que a semiótica a que nos referimos emerge da lógica formal. Veja o que diz Peirce em "*Por que estudar lógica?*", 1902:

Na longa discussão sobre a classificação das ciências, à qual dediquei a última seção¹³, quis esclarecer o modo como a lógica se relaciona com outras investigações teóricas, ou, pelo menos, explicitar a opinião do autor, pois a verdade do que disse ainda está por provar. Não se trata, porém, de uma heresia, mas de uma doutrina amplamente difundida, pois Auguste Comte [2] explicou que as ciências formam uma espécie de escala que desce ao nível da verdade, cada uma delas levando à outra, as mais concretas e especiais extraindo seus princípios das mais abstratas e gerais. ("Por que estudar lógica?")

¹³ "Uma Classificação Detalhada das Ciências" (CP 1. 203-283), que corresponde à seção I, cap. 2, da *Lógica Minuta* (1902). Fim de "*Por que estudar lógica?*", C. S. Peirce (c. 1902). Tradução para o espanhol e notas de José Vericat. In: *Charles S. Peirce. Homem, um signo (Pragmatismo de Peirce)*, J. Vericat (tr., intr. e notas), Crítica, Barcelona, 1988, pp. 332-391. "*Por que estudar lógica?*" corresponde ao CP 2. 119-202.



Observando essas considerações sobre a relação entre a lógica e as demais ciências, segundo Peirce, não é difícil deduzir a impossibilidade de construção de verdades absolutas. Portanto, do ponto de vista político-social, os fundamentos lógicos subjacentes a uma visão filosófica da realidade não são adequados para projetos de governo, projetos sociais ou paradigmas de controle sociopolítico que pretendam ser soluções definitivas para o desconforto da humanidade. Por isso, os regimes totalitários tentaram reduzir (ou mesmo apagar) o espaço para o pensamento filosófico, especialmente expulsando a filosofia dos currículos escolares.

No entanto, a força e o vigor do pensamento humano não se rendem a atitudes totalitárias e a filosofia retorna às salas de aula (entre outros espaços de reflexão e ação) para sacudir pseudoacomodações e promover novas elucidações sobre o ser-no-mundo. Dessa forma, linguagens, semióticas e filosofias se unem em prol de uma compreensão mais abrangente das relações e interações humanas. Não há como isolar esses domínios a não ser para fins didáticos.

As descobertas contemporâneas até iludiram o homem a acreditar que ele tem controle suficiente sobre a vida e a morte. No entanto, a resposta para *Quo vadis?* ainda está longe de ser produzido. As perguntas são sempre maiores do que as respostas. Mas o homem tem o dom de se iludir com suas produções e é por isso que consegue se envolver em loucuras técnico-científicas que se transformam em problemas políticos da maior gravidade.

Por que tais comentários? Porque acredito na necessidade de interação permanente entre as ciências e a filosofia, pois é através da filosofia que o pensamento acontece; e é através da filosofia que se torna possível uma compreensão mais profunda do que o homem pode ser, abrindo espaço para a compreensão dos porquês que explicitariam o problema semiótico básico: por que isso significa o que significa?



REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALSTON, W. P. *Filosofia da Linguagem. Tradução de Alvaro Cabral*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- AUROUX, Sylvan. *A filosofia da linguagem. Tradução José Horta Nunes*. . Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- BONJOUR, Laurence e Anne BAKER. “Introdução ao Pensamento Filosófico. O que é filosofia.” Bonjour, Laurence e Anne Baker. *Fiulosophia: Textos fundamentais comentados*. Porto Alegre / RS: Penso, 2010. 21-50.
- COSSETTE, Josiane e Lucie GUILLEMETTE. “Deconstruction and différence.” *Signosemio.com* 2006. <http://www.signosemio.com/derrida/deconstruction-and-difference.asp> Accessed February 26th, 2024
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Campinas: Papirus, 1991.
- GUERREIRO, M. L. *Problemas de filosofia da linguagem*. Niterói/RJ: EdUFF, 1985.
- HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HOLANDA, Aurélio Buarque et al. *Dicionário Aurélio Eletrônico. Século XXI, Versão 3.0*. São Paulo, 1999.
- HOUAISS, A. E. A. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. 2001*. . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- HOUSER, Nathan. “Semiotics and Philosophy.” *Cognitio: Revista de Filosofia*. v. 17, n. 2, jul./dez. 2016: 313-336.
- HRYENIEWCZ, Severo. *Para filosofar. 5 ed. rev. e ampl.* . Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2002.
- JAPIASSÚ, Hilton e Danilo MARCONDES. *Dicionário Básico de Filosofia* . Rio de Janeiro: Kindle, s.d.
- MARCONDES, Danilo. *Filosofia, linguagem e comunicação. 2 ed. rev. e ampl.* . São Paulo: Cortez, 1992.
- PEIRCE, C. S. ““Fundamento, objeto e interpretante”. Apud MS 798 [On Signs] c.1897. Tradução castelhana de Mariluz Restrepo.” PEIRCE, C. S. *On Signs*. 2003. Disponível em www.liccom.edu.uy/bedelia/cursos/semiotica/Fundamento_obj.
- PEIRCE, Charles S. “¿Por qué estudiar lógica? Traducción castellana y notas de José Vericat.” *Crítica, Barcelona* 1988: 332-391.
- PETTER, Margarida. “Linguagem, língua e lingüística .” FIORIN, J. Luiz (org.). *Introdução à Lingüística. I – Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.